



## PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

## ORGANIZAÇÃO DA VINCULAÇÃO E QUALIDADE DA RELAÇÃO COM OS PARES

Carla Faria  
Alice Bastos  
Escola Superior de Educação de Viana do Castelo  
Isabel Soares  
Universidade do Minho  
Carolina Silva  
Universidade do Porto

## RESUMO

A construção e manutenção de relações interpessoais constitui-se como uma dimensão nuclear do ser humano, assumindo particular relevância em novos contextos de vida como é o caso do ensino superior. No presente estudo pretendemos conhecer a qualidade da relação com os pares e a sua relação com a qualidade da organização da vinculação em estudantes do ensino superior (formação pré e pós-graduada). Participam no estudo 60 estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento de diferentes áreas científicas. A qualidade da relação com os pares foi avaliada com o Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (Neves, Soares & Silva, 1999) e a organização da vinculação com a Adult Attachment Interview (George, Kaplan & Main, 1985). Os resultados parecem evidenciar a relevância das relações com os pares no ensino superior e segurem a existência de diferenças significativas na qualidade da relação com os pares em função dos padrões de vinculação dos estudantes ( $f (2,58) = 5.4$ ,  $p < .01$ ). Assim, a maioria dos estudantes considera que as suas relações interpessoais com os pares são de qualidade, no entanto, os estudantes com padrões de vinculação seguro e preocupado possuem relações com os pares de maior qualidade comparativamente com os estudantes com padrão de vinculação desligado. As implicações destes resultados para o desenvolvimento e adaptação dos estudantes do ensino superior serão discutidas, especialmente no âmbito do Processo de Bolonha.

Palavras-chave: organização da vinculação, relações de amizade, pares, jovens adultos



## ORGANIZAÇÃO DA VINCULAÇÃO E QUALIDADE DA RELAÇÃO COM OS PARES

## INTRODUÇÃO

A teoria da vinculação (Bowlby, 1980) proporciona uma base de trabalho útil para compreender as relações adultas. De acordo com Bowlby, "there is a strong causal relationship between an individual's experiences with his parents and his later capacity to make affectional bonds" (1979, p. 135). A qualidade das relações de vinculação precoces que a criança estabeleceu irá, assim, ter um papel determinante na qualidade das relações íntimas que irá desenvolver ao longo da sua vida, quer sejam relações de vinculação ou não (Berlin & Cassidy, 1999). Na perspectiva de Bowlby (1969/1982), as associações entre as relações íntimas do indivíduo e as influências das experiências precoces de vinculação nos laços afectivos são mediadas pelas representações mentais das experiências de vinculação, habitualmente designadas por modelos internos dinâmicos (MID). Assim, os MID contribuem para o modo como o indivíduo organiza o seu comportamento de vinculação ao longo do ciclo de vida, tendo um impacto significativo ao moldar/estruturar e manter as dinâmicas interpessoais (e.g., Sroufe, Egeland & Kreutzer, 1990; Owens, Easterbrooks, Chase-Lansdale & Goldberg, 1984). Neste contexto, a proliferação da investigação sobre a vinculação em adultos assenta em dois pressupostos básicos de Bowlby: (1) os padrões de vinculação desenvolvidos na infância (anos iniciais) são relativamente estáveis ao longo do desenvolvimento posterior e, (2) as relações afectivas próximas com os pares seriam o equivalente nos adultos asa relações de vinculação na infância. Ao nível empírico existe evidência crescente para suportar o argumento de que na vida adulta existem diferentes relações que se podem assumir como relações de vinculação.

Apesar do papel fundamental que as primeiras relações de vinculação desempenham no desenvolvimento posterior, é aceite actualmente que a natureza e dinâmicas das relações de vinculação mudam ao longo do desenvolvimento de forma a adequarem-se à especificidade de cada período desenvolvimental. Como alertam West e Sheldon-Keller (1994), é fundamental que a investigação da vinculação na idade adulta tenha em consideração (i) os componentes comuns ou análogos entre a vinculação na infância e a vinculação na idade adulta, (ii) as especificidades da vinculação adulta e (iii) a diferenciação entre relações de vinculação e outro tipo de relações interpessoais características da adultez.

Neste sentido, a investigação da vinculação na idade adulta levanta questões nucleares que se relacionam com a especificidade da vinculação e do ser adulto e algumas dessas questões têm a ver com (1) identificação dos comportamentos através dos quais se manifesta a vinculação nos adultos, (2) função (ou funções) que a vinculação serve na vida adulta, e (3) elementos característicos da relação de vinculação da adultez. Vários autores têm desenvolvido esforços no sentido de procurar responder a algumas destas questões e deste modo clarificar o campo conceptual neste domínio (e.g., Roisman, 2006; Waters & Cummings, 2000; Berlin & Cassidy, 1999; Ainsworth, 1989; Weiss, 1982), sendo que enquanto que o estudo da vinculação em crianças se focaliza essencialmente na dimensão comportamental, nos adultos a ênfase é na dimensão discursiva, com recurso a medidas que recorrem à linguagem (entrevistas) e/ou às auto-percepções (questionários) (Crowell & Treboux, 1995; Hazan & Shaver, 1994). Globalmente, os resultados da investigação sugerem que as características/componentes da vinculação em adultos são as seguintes: (1) vontade ou desejo de estar com o(a) parceiro(a) de relação (procura de proximidade), (2) procura do seu conforto em momentos de ameaça ou insegurança (safe haven), (3) perturbação face à indisponibilidade do parceiro (protesto face à separação) e (4) sentimento de segurança e confiança a partir dessas relações (base segura). No entanto, estas relações são distintas das relações de vinculação na infância a três níveis: (i) papel dos pares que passam a ser considerados como recursos importantes em termos de conforto, suporte e



## PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

estabilidade; (ii) nos adultos a vinculação não tem primazia sobre outros sistemas comportamentais no sentido em que os adultos conseguem manter algum nível de actividade em situações em que a vinculação está ameaçada; e (iii) a vinculação é dirigida geralmente a uma figura com quem se estabelece um envolvimento sexual (Weiss, 1991). Com base nestes critérios, Ainsworth (1989) e Weiss (1991) propuseram as relações amorosas duradouras como o melhor exemplo de relação de vinculação na idade adulta. No entanto, Ainsworth (1989) e Weiss (1982, 1991) reconhecem também a existência de uma diversidade de relações de vinculação na idade adulta, sendo que as relações com outros adultos, como por exemplo irmãos e amigos, possuem o potencial para serem relações de vinculação.

Actualmente a investigação deixa poucas dúvidas acerca da capacidade do ser humano estabelecer vinculações múltiplas (e.g., Howes, 1999; Hazan & Shaver, 1994; Bowlby, 1980, 1985), considerando-se adaptativo a existência de múltiplas figuras de vinculação (Howes, Rodning, Galluzzo, & Meyers, 1988). Neste contexto, faz todo o sentido esperar que também os adultos apresentem uma rede de relações de vinculação e uma hierarquia de figuras de vinculação. A hierarquia da vinculação é compreendida como um conjunto organizado de preferência por figuras/pessoas que o indivíduo procura ou a quem recorre quando o sistema de vinculação é activado (Collins, 1996). O conceito de hierarquia permite compreender o modo como um indivíduo mantém múltiplas relações de vinculação, ao mesmo tempo que permite ordenar as suas preferências por diferentes figuras de vinculação em função de contextos, situações e factores ou condições activadoras do sistema de vinculação. O conceito de hierarquia de vinculação permite compreender como é que os pares e outras figuras podem progressivamente assumir funções de vinculação e tornarem-se figuras de vinculação, mesmo que não principais. Uma das vantagens adaptativas da hierarquia de vinculação é que proporciona ao indivíduo cuidadores/figuras alternativas quando e se a figura de vinculação principal não está disponível, ao mesmo tempo que permite que efectue uma gestão distribuída das funções de vinculação por diferentes figuras em função da natureza, intensidade ou relevância da necessidade de vinculação.

O número e tipo de relações que integram a hierarquia/rede de vinculação nos adultos têm sido alvo de investigação e debate. Hazan & Zeifman (1999) referem que pais, amigos, irmãos e parceiro amoroso cobrem 85% das figuras consideradas como figuras de vinculação por adultos. Já Trinke e Bartholomew (1997) num estudo conduzindo com adultos de diferentes faixas etárias calcularam que em média cada participante considerava ter 5.8 relações de vinculação que incluíam membros da família (pais e irmãos), parceiros amorosos e amigos. Assim, para além dos parceiros amorosos, a investigação tem reunido evidências de outras pessoas se constituem como figuras de vinculação na idade adulta. Os amigos ou familiares, como por exemplo irmãos, assumem-se como figuras de vinculação (e.g., Collins & van Dulmen, 2006; Doherty & Feeney, 2004; Furman, Simon, Shaffer & Boucher, 2002; La Guardia, Ryan, Couchman & Deci, 2000; Fraley & Davis, 1997; Hazan & Shaver, 1994). No caso dos amigos, a investigação sugere que a duração da relação é um factor muito importante pois só as amizades duradouras têm condições de evoluir para relações de vinculação (Fraley & Davis, 1997). Mas as amizades podem ser particularmente importantes na satisfação de necessidade de vinculação quando existe ausência de uma relação amorosa. La Guardia e cols. (2000) num estudo realizado com jovens adultos verificaram que os participantes referiam maior segurança na vinculação aos melhores amigos do que ao parceiro amoroso. Assim, a maioria dos estudantes referia o melhor amigo como principal fonte de segurança, protecção e de quem desejavam proximidade em situações adversas. Estudos posteriores revelam que sempre que há uma relação amorosa com duração superior a dois anos há maior probabilidade de o parceiro amoroso ser considerado figura de vinculação primária ou principal. Mesmo assim, existe consenso quanto às potencialidades das relações de amizade em termos de vinculação (Collins & van Dulmen, 2006; Doherty & Feeney, 2004; Furman,



## ORGANIZAÇÃO DA VINCULAÇÃO E QUALIDADE DA RELAÇÃO COM OS PARES

Simon, Shaffer, & Boucher, 2002; Ainsworth, 1989; Weiss, 1982), uma vez que os factores que promovem a formação da vinculação na infância (prestação de cuidados, confiança, suporte) assistem igualmente a formação da vinculação nas amizades entre adultos (Doherty & Feeney, 2004; Furman, Simon, Shaffer, & Boucher, 2002; Fraley & Davis, 1997). Collins e van Dulmen (2006) referem mesmo que as relações de amizade são percebidas como a fonte mais importante de suporte durante o final da adolescência e início da juventude, e que a intimidade, mutualidade e self-disclosure com os amigos atinge o seu ponto mais alto na juventude. Os amigos são frequentemente as figuras com quem os jovens preferem estar (procura de proximidade) e a quem procuram em momentos de dificuldade (safe haven) (e.g., Kobak, Rosenthal, Zajac, & Madsen, 2007). A importância das relações de amizade torna-se ainda mais relevante quando a investigação reúne evidências de que as qualidades das relações de amizade estão associadas com as qualidades das relações amorosas (Collins, 2003; Furman et al., 2002) e que as representações das relações amorosas estão relacionadas com as representações de amizades, sugerindo que é no contexto das relações de amizades que o adolescente e o jovem adulto cria as condições necessárias e desenvolve as competências nucleares para o estabelecimento das relações amorosas.

Globalmente, as relações de amizades preenchem os critérios que caracterizam uma relação de vinculação para um proporção significativa de indivíduos o que vem, mais uma vez, salientar a relevância destas relações para o funcionamento adulto.

## MÉTODO

## Participantes

No presente estudo participam 60 estudantes do ensino superior português que frequentam estabelecimentos de ensino superior públicos do norte do país. Dos 60 participantes, 30 integram a licenciatura (15 no 2º ano e 15 no 4º) e 30 a formação pós-graduada (15 em mestrado e 15 em doutoramento) nas áreas científicas de ciências da saúde (medicina), engenharias, formação de professores e psicologia.

A idade dos participantes varia entre os 19 e os 35 anos, sendo a idade média de 25.4 anos (D.P. = 5.0) e existe um número aproximado de indivíduos do género masculino (55%) e feminino (45%) (Tabela 1).

Tabela 1 - Caracterização sócio-demográfica

	N	%
Género	Masculino	33
	Feminino	27
Estado Civil	Casado	9
	Solteiro	51
Habilidades Académicas	2º ano da licenciatura	15
	4º ano da licenciatura	15
	Mestrado	15
	Doutoramento	15



## PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

Área de Formação Académica	Ciências da Saúde	15	25
	Engenharias	15	25
	Formação de professores	15	25
	Psicologia	15	25
Estatuto do Estudante	Estudante	44	73.3
	Estudante-trabalhador	16	26.7
Situação do Estudante	Deslocado	23	38.3
	Não Deslocado	37	61.7
Escolaridade do pai	Até 4 anos	22	36.7
	De 5 a 9 anos	14	23.3
	De 10 a 12 anos	8	13.3
	Mais de 12 anos	16	26.7
Escolaridade da mãe	Até 4 anos	22	36.7
	De 5 a 9 anos	13	21.7
	De 10 a 12 anos	9	15.0
	Mais de 12 anos	16	26.7

## Instrumentos

Adult Attachment Interview- AAI (George, Kaplan & Main, 1985). Trata-se de uma entrevista semi-estruturada, desenvolvida por George, Kaplan e Main (1985), constituída por um conjunto de questões destinadas a eliciar memórias acerca das experiências precoces de vinculação com os pais. Nesta perspectiva, a entrevista activa o sistema de vinculação, permitindo analisar o modo como as memórias das experiências de vinculação precoces estão organizadas e influenciam as percepções acerca do self e das relações actuais com os outros.

Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987; Versão portuguesa, Neves, Soares & Silva, 1999). O IPPA é um instrumento de auto-relato desenvolvido com o objectivo de avaliar as dimensões comportamentais, cognitivas e emocionais da vinculação em adolescentes e jovens adultos. Este instrumento permite avaliar separadamente a qualidade das relações de vinculação com o pai, a mãe e os amigos. O instrumento é constituído por três sub-escalas com 25 itens cada que são cotadas independentemente. Os itens são graduado numa escala tipo Likert de 5 pontos que varia de "nunca ou quase nunca" até "sempre ou quase". A consistência interna das três escalas medida pelo coeficiente de Crobach foi de .89 para a vinculação ao pai, .87 para a vinculação à mãe e .92 para a vinculação aos pares. No presente estudo foi utilizada apenas a sub-escala amigos.

## Procedimentos

Os dados foram recolhidos ao longo do período lectivo em contexto educativo. A AAI foi administrada, por um investigador com formação na aplicação da entrevista, a cada participante individualmente. No momento anterior ou portero à entrevista foi pedido a cada participante que prenchesse o IPPA.

## RESULTADOS



## ORGANIZAÇÃO DA VINCULAÇÃO E QUALIDADE DA RELAÇÃO COM OS PARES

Na Tabela 2 apresenta-se os resultados relativos aos padrões de vinculação em função do género dos participantes.

Tabela 2 - Padrões de vinculação e género

	Masculino		Feminino		Total		$\chi^2$	p
	N	%	N	%	N	%		
Padrões de Vinculação							0.64	0.73
Seguro	14	51.9	20	60.6	34	56.7		
Desligado	9	33.3	8	24.2	17	28.3		
Preocupado	4	14.8	5	15.2	9	15.0		

Em relação à distribuição dos padrões de vinculação existe uma maior proporção de indivíduos classificados com o padrão seguro na totalidade da amostra (cerca de 56.7% versus 43.3% de inseguros). Quando comparados em função do género, não foram encontradas associações significativas relativamente à distribuição dos padrões de vinculação, embora a proporção de indivíduos do género feminino no padrão seguro (60.9%) seja superior à do género masculino (51.9%) (Tabela 2).

A Tabela 3 apresenta os resultados relativos à vinculação em pares em função do género.

Tabela 3 - Vinculação aos pares e género

Género	Média	D.P.	t	p
			.27	
Masculino	88.44	9.73		
Feminino	87.61	13.30		
Total	88.0	11.74		

A maioria dos participantes apresenta uma vinculação seguras aos pares ( $\bar{x} = 88.0$ , D.P. = 11.74). Não existem diferenças entre indivíduos do género masculino e feminino em termo da vinculação aos pares (Tabela 3).

A relação entre vinculação e vinculação aos pares é apresentada na Tabela 4.

Tabela 4 - Padrões de vinculação e vinculação aos pares

Vinculação aos pares	Padrões	N	Média	D.P.	F	P
					5.4	0.007
Seguro	34	89.5	12.12			
Desligado	17	81.24	9.02			
Preocupado	9	95.0	9.26			

Os resultados apresentados na Tabela 4 revelam a existência de diferenças significativas na vinculação aos pares em função dos três padrões de vinculação ( $F (2, 58) = 5.4$ ,  $p < .01$ ), ou seja, a vinculação aos pares é significativamente diferente segundo o padrão de vinculação. São os estudantes com padrão de vinculação preocupado que apresentam em média valores de vinculação aos pares mais



## PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

elevados ( $\bar{x} = 95.0$ , D.P. = 9.26). As análises Scheffe Post-doc revelam que os indivíduos com padrão desligado consideram-se menos vinculados aos pares do que os seguros (diferença entre médias = 8.3,  $p = .047$ ) e do que os preocupados (diferença entre médias = 13.8,  $p = .013$ ).

## DISCUSSÃO

No que aos padrões de vinculação se refere um dos aspectos que nos parece mais relevante é a sua distribuição na amostra. Assim, encontramos uma maior proporção de indivíduos seguros do que inseguros o que é coerente com os dados da investigação internacional para estudos com população não clínica ou de baixo risco (e.g., Bernier, Larose & Boivin, 2007; Soares & Dias, 2006; van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996). À semelhança dos resultados prévios da investigação internacional, também os nossos resultados globalmente não sugerem a existência de diferenças na distribuição da vinculação em termos de género (e.g., Spangler & Zimmermann, 1999).

A ausência de diferenças significativas entre vinculação aos pares e género vão no sentido dos estudos prévios a nível nacional (e.g., Ferreira, 2003) e internacional (e.g., Lapsley, 1990). A relevância dos pares e da qualidade da relação com os pares no contexto de ensino superior tem assumido uma dimensão importante na investigação no âmbito do quadro conceptual da vinculação, nomeadamente quando na literatura existe um consenso crescente quanto ao papel dos pares/amigos enquanto figuras de vinculação (Collins & van Dulmen, 2006; Doherty & Feeney, 2004; Furman, Simon, Shaffer & Boucher, 2002; La Guardia, Ryan, Couchman & Deci, 2000). Mas, à semelhança do que se verifica com outros aspectos do funcionamento psicológico, o que parece ser determinante para a qualidade da vinculação aos pares em jovens adultos não são as variáveis contextuais mas as pessoais como a qualidade da vinculação aos pais ou outras figuras de vinculação importantes ao longo da infância e adolescência.

Os resultados encontrados entre padrões de vinculação e vinculação aos pares são interessantes. Os padrões de vinculação permitem distinguir os estudantes em termos de vinculação aos pares, sendo que são os estudantes com padrão de vinculação desligado que se diferenciam significativamente dos seguros e preocupados, apresentando os valores médios mais baixos. Este resultado é consistente com outros encontrados na literatura (e.g., Fass & Tubman, 2002) e com o quadro conceptual da vinculação. Um indivíduo com uma organização de vinculação desligada tende a apresentar MID dos outros negativos, considerando-os como pouco confiáveis, consequentemente, desvaloriza a necessidade de confiar e depender dos outros pelo elevado risco envolvido, sobrevalorizando as suas capacidades e a necessidade extrema de independência. Não será, portanto, surpreendente que as relações com os pares não sejam valorizadas nem mesmo consideradas necessárias.

Um resultado que nos parece um pouco provocatório tem a ver com a vinculação aos pares nos indivíduos com padrão preocupado. São os estudantes com padrão preocupado que, em média, apresentam valores superiores na vinculação aos pares, apesar de, como já referimos, esta diferença entre preocupados e seguros não ser significativa. Este é um resultado aparentemente atípico, apesar de ter sido também verificado num estudo internacional (Berbier, Larose & Boivin, 2007), pois no âmbito da teoria da vinculação, e dentro da hipótese prototípica avançada por Bowlby, o que seria de esperar é que fossem os indivíduos com padrão seguro os que se sentissem mais vinculados aos pares. Parece-nos que este resultado obriga a algum ponto de ordem. Por um lado, os valores superiores da vinculação aos pares nos preocupados podem ser entendidos quase como protectores, especialmente no contexto do ensino superior. No sentido em que face as novas relações tidas como muito relevantes



## ORGANIZAÇÃO DA VINCULAÇÃO E QUALIDADE DA RELAÇÃO COM OS PARES

(relações com os pares/amigos), estes indivíduos percebiam tais relações como suportivas e seguras, logo importantes para o seu funcionamento actual num contexto específico – o ensino superior. Convém salientar que na AAI estamos a avaliar a posição/atitude do indivíduo (“state of mind”) face às experiências de vinculação precoces (Kobak, 1985) e, portanto estamos num domínio claramente “attachment based” (Bretherton, 2005), enquanto que com a sub-escala pares do IPPA estamos a avaliar componentes da relação de vinculação com os pares (confiança, comunicação, alienação) e não a classificar os indivíduos em termos de padrões ou estilos de vinculação. De qualquer modo, estes resultados encontram alguma ressonância na investigação internacional quando se verifica que os indivíduos com vinculação insegura (aos pais) tendem a considerar as relações de vinculação com figuras exteriores à família, como por exemplo amigos ou parceiros amorosos, como seguras (Freeman & Brown, 2001).

Ainda a propósito da maior segurança aos pares nos indivíduos com padrão de vinculação preocupado parece-nos que este tipo de resultados pode apontar para a necessidade de maior especificidade e profundidade no estudo deste padrão de vinculação, especialmente quando está em causa a sua relação com outros aspectos do funcionamento humano. Apesar de na literatura da vinculação este padrão se encontrar bem descrito e investigado, pode ser possível que quando o foco da investigação é a eventual relação ou articulação com outras dimensões de desenvolvimento humano, este padrão coloque especificidades que obrigam a uma análise mais complexa. Os nossos resultados sugerem, no entanto, uma relação próxima entre segurança da vinculação e vinculação aos pares, tal como aparece documentada em alguns estudos considerados pioneiros ao nível internacional (e.g., Zimmermann, Maier, Winter & Grossmann, 2001; Allen, Moore, Kuperminc, & Bell, 1998).

Os resultados encontrados neste estudo salientam a relevância dos pares/amigos para o funcionamento individual, com maior implicações no contexto do ensino superior pelos desafios desenvolvimentais e relacionais que coloca aos estudantes. Assim, as relações próximas com os pares/amigos parecem assumir na juventude um carácter de maior relevância, especialmente quando não estão ainda alicerçadas relações amorosas. Como vários autores referem, as relações de amizade significativas podem constituir uma plataforma óptima para o ensaio e desenvolvimento de competências nucleares ao estabelecimento e manutenção de relações amorosas significativas. Além disso, estas relações de amizade podem desempenhar funções de vinculação fundamentais para assegurar o funcionamento equilibrado e contribuírem para trajectórias desenvolvimentais adaptativas, especialmente no Ensino Superior, uma vez que o estudante de encontra afastado de outras figuras de vinculação importantes (por exemplo, pais, amigos de infância).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Armsden, G. C. & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Relationships to well-being in adolescence. *Journal of Youth Adolescence*, 16, 427-454.
- Berlin, L. J., & Cassidy, J. (1999). Relations among relationships: Contribution from attachment theory and research. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 688-712). New York: Guilford Press.
- Bernier, A., Larose, S., & Boivin, M. (2007). Individual differences in adult attachment: Disentangling two assessment traditions. *European Journal of Developmental Psychology*, 4, 220-238.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss: Attachment*. London: Basic Books (Edição revista, 1982).



## PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, sadness and depression*. London: Basic Books.
- Collins, N. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 810-832.
- Collins, W. A. & van Dulmen, M. (2006). Friendships and romance in emerging adulthood: Assessing distinctiveness in close relationships. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging Adults in America: Coming of age in the 21 st century* (219-234). Washington: APA.
- Crowell, J. A., & Treboux (1995). A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social development*, 4, 294-327.
- Doherty, N., & Feeney, J. (2004). The composition of attachment networks throughout the adult years. *Personal Relationships*, 11, 469-488.
- Fraley, R. C., & Davis, K. E. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close friendships and romantic relationships. *Personal Relationships*, 4, 131-144.
- Furman, W., Simon, V. A., Shaffer, L., & Bouchey, H. (2002). Adolescents' working models and styles for relationships with parents, friends, and romantic partners. *Child Development*, 73, 241-255.
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1984/1985/1996). Adult attachment interview. Manuscrito não publicado. University of California at Berkeley, EUA.
- Hazan, C. & Shaver P. R. (1994). Deeper into attachment theory. *Psychological Inquiry*, 5, 68-79.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachment: Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 355-377). New York: Guilford Press.
- Howes, C., Rodning, C., Galluzzo, D., & Meyers, I. (1988). Attachment and childcare: Relationships with mother and caregiver. *Early Research Quarterly*, 3, 403-416.
- Kobak, R., Rosenthal, N. L., Zajac, K., & Madsen, S. (2007). Adolescent attachment hierarchies and the search for an adult pair-bond. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 117, 57-72.
- La Gardia, J. G., Ryan, R. M., Couchman, C. E., & Deci, E. L. (2000). Within-person variation in security of attachment: A self-determination theory perspective on attachment, need fulfilment, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 367-384.
- Neves, L., Soares, I. & Silva, C. (1999). Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA). In L. Almeida. M. Gonçalves & M. Simões (Eds.), *Teste e Provas Psicológicas em Portugal*, (Vol. II, pp. 37-48). Braga: APPORT.
- Roisman, G. I. (2006). The role of adult attachment security in non-romantic, non-attachment-related first interactions between same-sex strangers. *Attachment & Human Development*, 8, 341-352.
- Soares, I. & Dias, P. (2007). Apego y psicopatología en jóvenes y adultos: Contribuciones recientes de la investigación. *International Journal of Clinical and Health Psychology*.
- Spangler, G. & Zimmermann, P. (1999). Attachment representation and emotion regulation in adolescents: A psychobiological perspective on internal working models. *Attachment & Human Development*, 1, 270-290.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore Relationships. *Child Development*, 71, 164-172.
- Weiss, R. S. (1982). Attachment in adult life. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behaviour* (pp. 171-194). New York: Basic Books.
- West, M., & Sheldon-Keller, A. (1994). *Patterns of relating: An adult attachment perspective*. London: The Guilford Press



## ORGANIZAÇÃO DA VINCULAÇÃO E QUALIDADE DA RELAÇÃO COM OS PARES

Zimmermann, P., Maier, M. A., Winter, M., & Grossman, K. E. (2001). Attachment and adolescents' emotion regulation during a joint problem-solving task with a friend. *International Journal of Behavioral Development*, 25, 331-343.

Fecha de recepción: 28 febrero 2008

Fecha de admisión: 7 marzo 2008